



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**RELATO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DURANTE O CURSO DO PET-
HISTÓRIA/UFCG NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO – PB**

JOÃO BATISTA PEREIRA DE LIMA SEGUNDO

**CAMPINA GRANDE - PB
SETEMBRO/2022**

**RELATO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DURANTE O CURSO DO PET-
HISTÓRIA/UFCG NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO – PB**

JOÃO BATISTA PEREIRA DE LIMA SEGUNDO

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. DR. CELSO GESTERMEIER DO NASCIMENTO

Campina Grande - PB

2022

JOÃO BATISTA PEREIRA DE LIMA SEGUNDO

**RELATO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DURANTE O CURSO DO PET-
HISTÓRIA/UFCG NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO – PB**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em ___/___/___ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Gestemeier do Nascimento

Orientador (a)

Prof. Dra. Manuela Aguiar Damião de Araújo

Examinador (a)

Prof. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

O fim de uma fase, enfim.

Dedico este trabalho inicialmente à meu pai, J. Lima, por ter me ajudado a fazer meu sonho se tornar realidade. Pai, eu lutei, eu venci. Dedico também à minha irmã Jéssica Juliany, que manteve viva a minha esperança quando eu mesmo não tinha mais esperança e queria largar mão de tudo. Dedico esse trabalho a todos os meus familiares que acreditaram em mim e viam em mim um futuro promissor.

Dedico esse trabalho à Laiane Quirino e Abraão Caminha. Obrigado por acreditarem em mim. Sem vocês provavelmente não teria sequer começado o curso.

Dedico esse trabalho todos meus colegas de apartamento que conheci ao longo da minha vida acadêmica – Renan Cláudio, Jéssica Almeida, Lua Souza, Luis Gustavo, Olavo Maurício e Rodrigo Vieira – amigos que viveram debaixo do mesmo teto que eu, sabem quem eu sou e que sempre levantaram meu ânimo quando eu queria me isolar por completo. Graças a vocês e a seus esforços, eu cheguei aonde estou agora.

Dedico esse trabalho também ao meu tutor e amigo Luciano Queiroz, a linha de frente do Programa de Educação Tutorial, por ter me apresentado um mundo em constantes lutas e transformações. Foi graças aos seus esforços que pude conhecer a comunidade quilombola do Grilo, lugar aonde hoje eu sou uma pessoa perdidamente apaixonada. O senhor e o PET-História/UFCG fizeram com que eu visse um mundo novo e fez com que eu me tornasse um novo homem.

Dedico esse trabalho também ao povo da comunidade quilombola do Grilo, na região de Riachão do Bacamarte, que me fez ver a beleza na simplicidade e me ajudou a me transformar em uma pessoa mais humilde.

Dedico aos demais professores, no qual nutro um respeito e admiração ímpar por cada um deles, desde o ensino fundamental. Vocês me ajudaram a me tornar quem eu sou hoje. Em especial para Lauriceia Galdino e para Jonathan Vilar, hoje meus bons amigos. E também ao meu orientador, o professor Celso Gestermeier, por acreditar em mim quando eu mesmo não acreditava, o senhor salvou uma vida.

Aos meus amigos, que seguiram na caminhada comigo – Ellem Mendes, Jefferson Bernardo, Ana Beatriz e Rodrigo Pires. A gente sempre se ergueu, lutou e venceu. Durante todos esses anos nos tornamos um grupo imbatível, e continuaremos sendo, mesmo fora da universidade. Aos amigos que mesmo distantes não pararam de dar força para mim: Taciano Sousa, Nilton Diniz e Daniel Cesarino. Já dizia William Shakespeare em seu ensaio “o Menestrel”: “(...) Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias. E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que a vida nos permitiu escolher.”. Dedico esse trabalho à vocês.

Dedico esse trabalho a Lorença Medeiros, minha companheira. Parece que nossa história surgiu da mente de algum romancista lendário. Tudo aconteceu porque tinha que acontecer. Você está comigo e eu estou com você: em todas as alegrias, todas as tristezas, em todos os momentos engraçados, durante as noites, quando madrugávamos com você escutando eu falar sobre a relação entre Cavaleiros do Zodíaco e A Divina Comédia, de Dante Alighieri, durante o dia, quando fazemos coisas simples como fazer o almoço ou assistir algum filme e série juntos. Em toda a vida. Mais do que dedicar esse trabalho para você, quero que saiba que você é uma das razões da minha dedicação.

Dedico finalmente esse trabalho para minha mãe, Socorro Carneiro. Em toda a minha vida eu encontrei pessoas que possuíam características que condizessem com você, mas você é a única que possui todas as características juntas. Minha inspiração para me tornar futuramente um professor. Quando você partiu, prometi para você que ainda te daria muito orgulho. E cá estou. Espero que você esteja orgulhosa de mim, aonde quer que você esteja. Você ressignificou o conceito de imortalidade para mim: quando eu vejo pessoas que veem você em mim e lembram de você com carinho... Acho que esse é a definição mais pura de ser imortal: ser sempre lembrado e sua memória nunca ser esquecida.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta fazer o relato de um graduando em História em uma das suas experiências de prática de ensino durante um curso ministrado pelo Programa de Educação Tutorial de História, da Universidade Federal de Campina Grande no ano de 2019 na Escola de Ensino Fundamental Manoel Joaquim de Araújo, estabelecida na comunidade quilombola do Grilo, localizada na região de Riachão do Bacamarte, no Agreste da Paraíba. Esse trabalho visa analisar, através da prática, o processo de pesquisa e execução de aula, propondo discutir sobre as novas fontes historiográficas como ferramentas pedagógicas, em específico as histórias em quadrinhos (*comic books* para os estadunidenses ou *gibis* para os brasileiros), evidenciando que são produtos de um contexto social e podem dialogar com a nossa realidade como, por exemplo, a questão da representatividade negra nos quadrinhos, que foi o tema da aula ministrada. Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e a abordagem qualitativa para compreender todo o processo de pesquisa, ação e discussão da aula sobre representatividade negra nos quadrinhos (1940-1960), no qual foi usado os autores como Paulo Freire (2015), Waldomiro Vergueiro (2004) e Túlio Vilela (2004) para dialogar os melhores métodos de para trabalhar desde os conceitos de ensinar associando com a realidade do aluno até a discussão de como as histórias em quadrinhos podem auxiliar o ensino de História num contexto de luta contra o racismo.

Palavras-chave: Relato de experiência; Ensino de História; Educação libertadora; Histórias em quadrinhos, Quilombo do Grilo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Ilustração do livro “O Rei Gilgamesh”.	16
Imagem 2 – Acima, imagem panorâmica da comunidade quilombola do Grilo, fotografada no ano de 2016. Abaixo, localização geográfica da comunidade, evidenciando a distância do trajeto Campina Grande-Grilo.	24
Imagem 3 – Frente da EMEF Manoel Joaquim de Araújo.	25
Imagem 4 – Discussão sobre a figura de Luísa Mahim na aula inaugural do curso na EMEF Manoel Joaquim de Araújo.	28
Imagem 5 – Mural das personalidades afrobrasileiras de todos os tempos.	28
Imagem 6 – Capitão América #1, de 1941.	31
Imagem 7 – Tira do gibi Donald Duck, “Voodoo Hoodoo” (“Donald na África”, no Brasil), de 1949.	34
Imagem 8 – À esquerda: “All-Negro Comics #1”, publicada em junho de 1947. À direita Orrin Cronwell Evans, jornalista e idealizador da <i>comic</i> .	36
Imagem 9 – à esquerda: Ilustração “The Orixas”, por Hugo Canuto; a direita: revista “The Avengers #4”, de 1963, publicado pela Marvel Comics.	39
Imagem 10 – aula ministrada sobre representatividade afro nos quadrinhos na escola Manoel Joaquim de Araújo para o oitavo ano.	41
Imagem 11 – Atividade avaliativa feita com as alunas do 8º ano.	43
Imagem 12 – à direita, imagem da culminância do evento “Quilombolas na universidade: apresentações culturais de alunos da comunidade do Grilo”. À esquerda, minha foto ao lado de um aluno, passados três anos.	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PET - Programa de Educação Tutorial.

HQ - Histórias em quadrinhos.

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

AACADE – Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afro-descententes.

CECNEQ – Coordenação Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

DC - Editora "Detective Comics".

EEEF - Escola Estadual de Ensino Fundamental.

TV – Televisão.

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental.

EEFM - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

SBT - Sistema Brasileiro de Televisão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DE UM JOVEM QUE QUIS SER PROFESSOR	15
A minha infância e o Ensino Fundamental	15
A juventude e o Ensino Médio	18
Uma tragédia pessoal até a UFCG	19
Sobre o PET-História/UFCG e os primeiros trabalhos com a docência	20
CAPÍTULO 2 – AULAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO: (RE)PENSANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIAR UMA EDUCAÇÃO INOVADORA	23
Os negros nas histórias em quadrinhos, uma aula sobre representatividade	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1970, se percebeu transformações na análise historiográfica das fontes. O movimento francês – a terceira geração dos *Analles*, chamada de “Nova História” – deu luz a novas perspectivas sociais e culturais da História, ampliando seus horizontes. A partir desse momento, as mais diferentes manifestações técnicas dos seres humanos passariam a ser usadas potencialmente como fontes, afinal hoje entendemos como fonte histórica

“...tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente”. (BARROS, 2019, p. 1)

Tomando o princípio da diversidade documental que foi proposta na Nova História, o historiador moderno pôde desenvolver novos métodos para a pesquisa e trabalhar ao lado da interdisciplinaridade para poder inserir novos horizontes para o seu estudo, quiçá, colocar fontes para dialogar entre si, aonde o papel do historiador seria o de crítico com o seu objeto.

Uma dinâmica que considero interessante trazer para o tema foi criada pelo historiador Philippe Artières¹, que nos conduz a imaginar nossa mente como um grande arquivo, cheio de cartas e correspondências, fotos e filmes. Em meio a esses achados, conseguiríamos encontrar ali acontecimentos que poderiam criar um contexto para uma análise historiográfica de si. E essa fonte pode ter uma importância social à luz da memória do historiador. Neste trabalho, resolvi produzir uma escrita de si e das práticas de ensino usadas por mim durante a aula na comunidade quilombola do Grilo, localizada na região do Riachão do Bacamarte, no Agreste paraibano, através do projeto de extensão do grupo PET-História/UFCEG, ocorrido no ano de 2019 na escola Manoel Joaquim de Araújo.

O que é válido destacar neste trabalho foi o uso das novas fontes – especificamente as HQs – para o desenvolvimento e discussão da aula. Me apropriei dessa fonte tendo em vista o *boom* dos filmes de heróis a partir do fim dos anos 1990 com o filme dos X-Men, estourando a bolha social na qual os quadrinhos faziam parte – geralmente crianças e adolescentes chamados de

¹ No artigo “Arquivar a própria vida” de 1998.

“nerds”², juntamente com o meu interesse pelo tema. A perspectiva usada pelas HQs foi a da representatividade negra nessa mídia desde a década de 1930, passando por uma série de metamorfoses até chegar ao ano de 1966, com a publicação da revista “Fantastic Four #52” que intruduzia o personagem *Pantera Negra* para as folhas da revista. Esse momento será discutido neste trabalho no contexto das mudanças das dinâmicas sociais nos Estados Unidos da América, aonde pode-se citar especificamente a luta dos movimentos negros nesse período. Aprofundar-se nas histórias em quadrinhos, usando-as como fontes, pode nos dar um panorâma de que as revistas em quadrinhos possuíam um lugar social, uma demanda mercadológica e uma identidade política, não sendo, assim, um simples meio de entretenimento de massa.

Logo, cheguei à conclusão de que atualmente as histórias em quadrinhos podem tanto servir como uma fonte como podem auxiliar diretamente na prática de ensino, pois podem se apresentar como uma porta de entrada para o desenvolvimento do hábito de leitura. Além disso, podemos usar essa fonte histórica em qualquer nível de escolaridade e para os mais diversos temas, considerando a dimensão universal que essas histórias possuem.

Mas por qual razão eu não trouxe personagens mais conhecidos pelo público geral, como “Superman” ou “Batman”? Para isso, precisaria clarificar a relevância social do projeto de extensão. Esse projeto iniciou na comunidade do Grilo desde o fim de 2018 e se focou diretamente com os jovens quilombolas do Ensino Fundamental II, apoiando-se nas leis de inclusão dos estudos da África nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) para criar ali um pensamento crítico e dialogar com os jovens sobre a importância da autoidentificação como negros, jovens e quilombolas. Seria necessário promover ali a valorização da História e da cultura negra e, conseqüentemente, elaborar uma educação antirracista (CAMPELO, 2019, p. 214).

² São chamados de “nerds” jovens que são focados demais nos estudos, ao ponto de não conseguir se dedicar a mais nada além de suas paixões. O termo “Nerd” foi criado nos Estados Unidos na década de 1960 e, durante muito tempo, tratado como uma forma de depreciar esses jovens, pois muitos deles não tinham interesses comuns com a população, tampouco tinham interesse em se relacionar com outras pessoas, sendo tratados como “estranhos” e sendo alvos da prática do “bully”. Com a mudança das circunstâncias sociais, hoje esse termo é usado como uma forma de autoidentificação por jovens que gostam de consumir produtos de mídia de massa, como os filmes da Marvel Studios. Hoje, o termo “nerd” pode ser subdividido em vários grupos, como Otakus (apaixonados de forma obsessiva pela cultura japonesa) ou Geeks (apaixonados por tecnologia).

Dialogar com uma turma formada por jovens quilombolas que possivelmente consumiam esse tipo de mídia teve um impacto fundamental para o início da minha carreira como docente, por isso resolvi escrever um trabalho sobre isso. Poder trazer à tona todo esse processo pode servir um dia de inspiração para a nova geração de professores que queiram seguir por esses rumos que eu segui.

Para o meu aporte teórico, eu precisei me debruçar sobre a obra de cinco autores que me auxiliaram para a conclusão deste trabalho: Paulo Freire, para pensar uma pedagogia libertadora. Freire chamou essa prática de “educativo-crítica” ou “progressista”. O professor Freire defende uma construção de conteúdos e saberes que são indispensáveis para o formando, desde o princípio, aonde o discente se torna um sujeito da produção do saber. Suas experiências e conhecimentos são também utilizados no processo de aprendizagem. Essa prática critica diretamente a concepção “bancária” da educação, a “pedagogia conservadora” de cunho hierárquico, aonde a figura do preceptor é o de *transmissor* de conhecimento, limitando o estudante a ser um objeto que está sendo formado por ele. Em outras palavras, o pensamento de Freire reitera que mesmo que diferentes, o discente e o docente são sujeitos do mesmo processo de aprendizagem. A conclusão que Paulo Freire chega é que “Não há docência sem discência”. E conclui que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2015, p. 23-25). Esse é um processo dialético, que venho usado durante todo o meu percurso de prática da docência.

Waldomiro Vergueiro e Túlio Vilela (2006), foram usados para dialogarem entre si para pensar melhores métodos e práticas de ensino das histórias em quadrinhos na sala de aula. Usar os HQs como uma ferramenta de ensino é interessante, pois hoje se trata de uma mídia em crescimento de popularidade entre os jovens. Os quadrinhos, para muitas crianças e adolescentes são usados como uma porta de entrada para a leitura e fazem parte do seu cotidiano, justamente por se tratar de uma literatura de cunho verbal e visual. Logo, as HQs não possuem rejeição pela maioria dos discentes. A utilização das HQs é vista por Vergueiro como uma ferramenta para a docência, motivando os alunos a participarem como sujeitos ativos da aula, aguçando sua curiosidade ou atijando seu pensamento crítico (VERGUEIRO, 2006, p. 21). Dada essa familiaridade,

implementar as revistas em quadrinhos em sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento pode trazer conclusões produtivas.

Para compreender a importância social dos quadrinhos eu me dediquei a explorar os estudos sociais dos HQs através do professor Moacy Cirne (1977) e o historiador francês Jacques Marny (1970). Cirne caracteriza a influência social dos quadrinhos no cotidiano entre os jovens em sua tese, conceituando a relação dos quadrinhos como uma ferramenta de reprodutibilidade técnica e um consumo de massa. O conceito de “reprodutibilidade técnica” suscitada por Cirne foi estabelecido por Walter Benjamin em “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” (1936), que foi um trabalho marcante para a história da arte. Com o advento e popularização das tecnologias, como a impressão e a câmera fotográfica, as artes – pinturas, esculturas, cinema, etc. – poderiam ser produzidas e reproduzidas a nível industrial – a indústria cultural. Esse processo tinha como finalidade satisfazer as demandas da sociedade, no âmbito do capitalismo, criando assim uma cultura de massa. Dado esse contexto, Moacy trouxe a novidade dos HQs para esse conceito do materialismo histórico-dialético. Dialogando acerca das estruturações da sociedade que consome esse tipo de mídia, evidenciando que desde a produção como os elementos que compõe os quadrinhos não são mero acaso.

Marny foi pioneiro ao analisar socialmente as histórias em quadrinhos, usando a semiótica como uma ferramenta para entender esse movimento. Deve-se evidenciar que essa novidade metodológica não despreza as demais análises, só busca trazer uma nova perspectiva. O historiador francês traça uma cronologia para as HQs desde os seus protótipos, no século XVI até o século XIX, quando se percebe em várias partes da Europa histórias com elementos que futuramente serão desaguados nas histórias em quadrinhos modernas: ilustrações e – a partir de 1895 – os balões. Em cada lugar do mundo, as HQs possuem diferentes nomes: *comic books*, nos Estados Unidos; *Fumetti*, entre os franceses; *banda desenhada*, entre os portugueses; *gibi*, entre os brasileiros. O historiador evidenciou como esse movimento possuiu diversas ramificações e cada país desenvolveu sua própria técnica de se criar um quadrinho, além de analisar todo o panorama social de quem consome essa mídia através dos tempos. Esse trabalho precursor foi importante para se analisar o impacto cultural das HQs, pois nelas podemos estabelecer que por trás de cada

quadrinho existe um arcabolo de valores da sociedade do tempo em que eles estão inseridos.

Quanto a divisão do meu trabalho, resolvi dividir em duas partes, na qual o primeiro capítulo eu resolvi falar sobre a minha trajetória acadêmica e minha formação crítica desde a infância, a partir dos impulsos que me fizeram querer seguir os caminhos da docência. O segundo capítulo eu resolvi esmiuçar a minha experiência acadêmica na Universidade Federal de Campina Grande como membro do PET-História frente à novidade que seria atuar como professor da extensão no quilombo do Grilo. Nesse capítulo eu relato o processo de escolha do tema, minhas razões e o impacto que essas escolhas trouxeram para mim e para os alunos que participaram das aulas. Nessa aula eu trouxe para a discussão essencialmente os quadrinhos “Voodoo Hoodoo”, das Aventuras do Pato Donald (Disney); o “All Negro Comics”, editado por Orrin C. Evans e “Quarteto Fantástico #52”, da Marvel Comics.

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DE UM JOVEM QUE QUIS SER PROFESSOR

A minha infância e o Ensino Fundamental

Minha história começa antes da escola. Minha mãe era professora da EEEF Madre Auxiliadora³, no bairro do monte Castelo, na minha cidade natal Patos-PB. Desde cedo, me recordo que pegava sempre livros da minha mãe na sua estante e levava para minha irmã, Jéssica, e tentava interpretar para ela o que eu achava que estava escrito através das gravuras que existiam lá. Logo, comecei a desenhar gravuras, sendo assim a primeira forma que eu usei para me expressar. Passava a maior parte da minha vida com a minha avó, que morava no centro da cidade. Sempre dormia escutando as suas memórias, quando era uma jovem saudável pelas ruas da recém criada cidade de Patos. Me lembro da história de seu José, um vadio que vivia na vizinhança da minha avó e seu papagaio depravado que sempre xingava as pessoas que passavam pela rua ou da sua vida difícil na roça.

Aos seis anos, no ano de 2001, iniciei minha carreira de estudante na mesma escola que minha mãe ensinava. Sempre fui um menino quieto e disciplinado, herança de meus pais J. Lima e Socorro Carneiro que eram, respectivamente, policial militar e professora de língua portuguesa. Vale ressaltar que eles eram divorciados e passei toda minha infância morando com minha mãe. Logo, sempre tive dificuldade de interagir com outras crianças, esse foi o motivo por eu não ter começado meus estudos mais cedo (no jardim de infância ou na alfabetização). Eu chorava e surtava quando estava próximo de estranhos.

Tive como minha primeira professora alguém, que considerava uma tirana. Seus métodos eram temerosos. Hoje, como um acadêmico esclarecido, percebo que ela fazia parte de uma pedagogia e uma prática que muito se remetia aos preceptores, enchendo os alunos de conteúdos. Já Paulo Freire trabalha o conceito de concepção “bancária” de educação, imaginando que a relação entre aluno-professor é de uma ordem passivo-ativo, ensinando o aluno a imitar o mundo, e não aprender sobre o mundo. Subentende-se que os alunos seriam depósitos de conhecimento, o que Freire considera um “falso-saber”⁴. No

³ Atualmente a escola não existe mais. Foi desativada no ano de 2014. Atualmente no local funciona a delegacia distrital da Polícia Militar.

⁴ (FREIRE, 1987, p. 41)

fim, o processo de alfabetização para mim foi desafiador, pois naquela época aprender a ler e escrever era copiar o que estava escrito no quadro e saber o que estava escrito. Vim aprender a ler próximo aos sete anos de idade.

Quando aprendi a ler, me tornei uma criança aborrecível. Lia tudo o que havia em minha volta – outdoors, placas, capas de revista, etc. Agora como um jovem que sabia ler, eu pude voltar para aqueles livros que eu imaginava o que tinha escrito e passei a entender os textos em si. O primeiro livro que eu li foi a Epopeia de Gilgamesh (Imagem 1), adaptado pela tcheco-canadense Ludmila Zeman. Minha paixão pela história começava daqui: o livro consistia em três volumes: “O Rei Gilgamesh”, “A vingança de Ishtar” e “A última busca de Gilgamesh” e possuía dentro dele diversas ilustrações e passagens da hoje conhecida como “a primeira história da humanidade”. No fim de cada livro existiam notas falando sobre as origens daquela história e a história da Mesopotâmia, que eu devorava todo o santo dia, até o momento que passei a decorar as falar e imaginar como seriam aquelas cenas animadas.

Imagem 1 – Ilustração do livro “O Rei Gilgamesh”.



Fonte: arquivo pessoal.

Rapidamente, comecei a pegar outros livros e revistas da escola onde minha mãe ensinava, aproveitando assim meus privilégios como filho da

professora. Nesse período fui apresentado às HQs, começando por um dos personagens mais clássicos de todos os tempos: o Pato Donald. Já o conhecia através da televisão, mas nas revistas eu passei a conhecer histórias que não apareciam na televisão. Aliado a isso, comecei a conhecer os primeiros “Anime”⁵, que hoje são traços da minha personalidade. Sempre me lembro do meu irmão falando sobre “a Era de Ouro” dos desenhos animados na TV, com o lançamento dos desenhos japoneses na década de 1990, na emissora TV Manchete. Cavaleiros do Zodíaco, YuYu Hakusho e afins chegaram até mim através das suas histórias em quadrinhos. Cavaleiros do Zodíaco #3, da editora Conrad (em 2003) foi a primeira revista em quadrinhos que era realmente meu – até então todas as HQs que eu havia lido eram emprestadas pela escola – e inspirou ali uma nova paixão: a história e a mitologia grega.

Até esse momento, meu sonho era ser militar. Via em meu pai uma inspiração. Em minha infância, eu via beleza nos conceitos de lutar e se sacrificar para proteger as pessoas. Ser um militar era o mais próximo que eu via de um herói na vida real. A história era pra mim unicamente um hobby. Ver minha mãe era mais uma admiração do que um símbolo de inspiração, pois queria seguir os passos do meu pai. A minha vida mudou completamente quando me aproximava dos dez anos de idade e fui apresentado ao mundo dos *videogames* o que me gerou amizades, me fazendo sair do casulo em que eu mesmo havia me colocado. No dia 01 de junho de 2005, quando saía de uma das famosas “locadoras de videogame” da época eu acabei me acidentando, o que me fez perder completamente um dos meus olhos. Foi ali que eu resolvi me enclausurar de novo, voltando a ter os livros e quadrinhos como meus amigos. Nesse período eu já conhecia todos os clássicos da literatura possíveis, desde a “Ilíada” ou a “Odisseia” de Homero; até “O Senhor dos Anéis” de Tolkien, que hoje é considerado um dos pais da fantasia moderna.

As circunstâncias fizeram com que meu sonho em ser militar se tornasse algo abstrato. Me virando para a admiração que tinha pela carreira de ser professor, eu passei a me aproximar mais da escola aonde a minha mãe

⁵ “Anime” é um termo japonês. Abreviação à palavra “Animation” (Animação, do inglês), esse termo é usado pelos japoneses para conceituar qualquer animação, sejam elas orientais ou ocidentais. Hoje nós, os ocidentais, chamamos de “Anime” qualquer animação feita no Japão, transformando esse termo em algo específico.

ensinava. Lá, resolvi ajudar as professoras nas aulas e comecei a sentir no meu peito um sentimento de que aquele o meu conhecimento não poderia ter sido em vão. Aos poucos, aquele sentimento de admiração passou a ser direcionado para a prática de ensino, e não tão somente para minha mãe e para os professores. Queria poder expandir meus horizontes.

Um ponto que marcou minha carreira como estudante foi durante a 7. série do ensino fundamental (oitavo ano, atualmente). Estava estudando na EMEF Monsenhor Manoel Vieira. Eu percebia que na escola aonde eu estudava não existia uma biblioteca para os alunos. Na cidade de Patos/PB, na realidade de morar na periferia, a única forma de um estudante poder pesquisar ou ler seria indo para a Biblioteca Municipal, no Centro da cidade. Todo o material didático que existia na escola era trancado em uma dispensa ou na diretoria e não era acessível aos alunos. Conversando com os professores de língua portuguesa da escola – Joseilton e Verônica – começamos a articular com a direção para transformar aquela dispensa em uma biblioteca comunitária dentro da escola. A ideia era atender a população do bairro e contaria com as doações deles para poder ser estabelecida dentro do colégio. E assim foi feito. Talvez seja essa uma das memórias mais importantes da minha infância e adolescência. Saber que eu contribuí para um movimento tão importante dentro da escola que eu estudava. Que eu fazia a diferença. E novamente... A flama da docência estava mais ávida do que nunca.

A juventude e o Ensino Médio

Até então, durante toda a jornada, toda a minha educação básica foi baseada na educação “bancária”, suscitada por Freire. A mudança se deu apenas durante o 3. ano do Ensino Médio, na EEFM Monsenhor Manuel Vieira. A História era para mim um hobby. Foi durante as aulas de Sirlene que passei ver a história no âmbito social. Ela desprezava o “bancarismo” e isso se notava através das suas aulas de História do Brasil, que sempre visou criticar e discutir acerca os acontecimentos do Brasil desde o século XIX ao XXI. Desde analisar Tiradentes até a atual conjuntura, ela assumia que tudo derivava de interesses e abria sempre que possível espaços de discussão com a turma sobre os assuntos propostos, até a comparar o que a gente estaria estudando antes e depois dela.

Essa discussão entre alunos e professor cria uma relação dialética. O professor não possui todo o conhecimento, tampouco as informações dele chegaram do céu. Dialogando novamente com o professor Freire, parte de um processo de pesquisa, crítica e estética (FREIRE, 2015, p. 30-5).

Foi através da minha professora do ensino médio que vi que a História mais que um hobby tem uma função social, para desconstrução e transgressão da sociedade. Mais do que analisar o passado, a História é uma ciência do presente, como já diria Certeau⁶. É papel do presente ter o compromisso com a liberdade, não somente a física, mas se libertar das amarras ideológicas dos dominantes. Hoje, clarificado pelo entendimento histórico-pedagógico, a professora Sirlene foi uma professora bem-sucedida.

Uma tragédia pessoal até a UFCG

Após o fim do Ensino Médio minha mãe, como forma de me fazer pensar, resolveu me dar um ano sabático, para que dessa forma eu pudesse tomar a melhor decisão para minha carreira acadêmica. Enquanto isso, ajudei algumas professoras da escola da minha mãe a propor atividades variadas para os alunos. O caminho da prática de ensino eu nunca havia exercido até então. Contudo, no ano de 2013, o pior aconteceu: perdi a minha mãe. Junto da perda, que me devastou, me encontrei sem ânimo para seguir em frente. Mas precisava seguir. Três semanas depois da morte dela, iria precisar fazer a prova do Enem. Estava certo de tentar arriscar minha vida no curso de História, que já havia visto como minha vocação. Contudo, em um momento de fragilidade ocasionada pelo luto, o medo da solidão e de ficar longe da minha família, fez com que, mesmo conseguindo nota o suficiente no ENEM para o curso de História no campus sede, escolhesse um curso que a UFCG de Patos/PB poderia me dispor: escolhi estudar Ciências Biológicas. Porém, a não identificação com o curso fez com que eu abandonasse a carreira no primeiro ano.

Até o ano de 2016 fui acometido pelo luto e pela ociosidade. Me encontrei em profunda depressão, que limitava ver o meu amanhã. Estava morando com a minha irmã mais velha, Jéssica – que até então já estava com seu segundo filho. Sem perspectiva, sem amanhã. Meu sonho de um dia ser professor de

⁶ Para se aprofundar nesse conceito, ler “A Escrita da História”, de Michel de Certeau.

história estava cada vez mais nebuloso. Pensamentos de que a vida não havia mais sentido povoavam a minha mente. Todos os dias que se passavam eu pensava em suicídio, mas não queria morrer e deixar para trás apenas prejuízo para minha irmã. Foi em meio dessa mente tão enevoada que encontrei, no olho da tempestade, uma única forma de me agarrar a algo. O sonho de ser professor de História que estava dormente voltou como a única forma de me salvar, de me libertar de um futuro sombrio. Fiz novamente a prova do ENEM naquele ano e consegui, no ano de 2017 ingressar no curso de História pela UFCG – Campus sede.

Sempre lutei para conseguir me destacar no Ensino Superior, lutando a cada dia com verbas limitadas para sobreviver. Precisava agora sair do Centro de Campina Grande até o bairro do Bodocongó à pé para assistir aulas. Minha alimentação era restrita e me limitava unicamente a arroz, cuscuz (pão de milho) e soja para minha dieta. Não me importava, pois naquele momento, eu queria provar meu valor, e que a minha vocação poderia dar frutos. Queria mostrar para meu pai que ele poderia sentir orgulho de mim. E agora, mais do que nunca, queria seguir os passos da minha mãe, que não estava mais na caminhada terrena comigo.

Foi durante o primeiro semestre do curso de História que descobri sobre o PET-História/UFCG, e percebi que meus interesses se entrelaçavam com os interesses do programa. Somente no terceiro semestre – em agosto do ano de 2018 – após um processo seletivo, que eu consegui ingressar no grupo e articular, finalmente, o meu caminho com a docência.

Sobre o PET-História/UFCG e os primeiros trabalhos com a docência

As origens do PET-História datam de 2009, a partir dos esforços da Prof^a Dr^a Regina Coelli Gomes do Nascimento que tinha a intenção de criar um projeto com que tinha como objetivo de fortalecer a Licenciatura em História. O Programa de Educação Tutorial⁷ uma vez instituído, tem como princípio preparar os seus membros em três esferas particulares, mas que dialogam entre si:

⁷ “O Programa de Educação Tutorial foi oficialmente instituído pela Lei 11.180/2005 e regulamentado pelas Portarias nº 3.385/2005, nº 1.632/2006 e nº 1.046/2007. A regulamentação do PET define como o programa deve funcionar, qual a constituição administrativa e acadêmica, além de estabelecer as normas e a periodicidade do processo de avaliação nacional dos grupos.” In: Legislação-PET, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/legislacao>>. Data de acesso: 15 ago. 2022.

ensino, pesquisa e extensão. Elas contribuem para o desenvolvimento intelectual e crítico dos membros do programa.

Quando entrei no curso de História, em 2017, já havia conhecido através de amigos veteranos de curso sobre o grupo PET-História. Logo de cara, aprendendo sobre a filosofia do grupo, o PET-História me chamou a atenção, contudo todas as vagas do grupo estavam ocupadas. Naquele momento o Programa era encabeçado pelo Prof. Dr. José Luciano de Queiroz Aires. Através de colegas que acabei conhecendo durante o curso e que eram participantes do grupo, eu resolvi esperar ansiosamente pela possibilidade de entrar no grupo. Essa oportunidade aconteceu em agosto de 2018, quando foi aberto o edital que abria a possibilidade de entrada de Bolsistas no grupo. Passei na seleção em primeiro lugar, reiterando meu compromisso para com o grupo, junto com meus colegas Ismael Lacerda e Rodrigo Pires.

Meus amigos e eu ingressamos oficialmente no PET-História UFCG no mês de setembro de 2018 e logo de cara eu senti como se o Programa fosse como uma segunda graduação para mim, aonde poderia visitar clássicos da historiografia de forma integral, fazendo críticas através dos encontros desenvolvidos pelo grupo chamados de “Tardes de Leitura”. Durante uma tarde, pelo menos uma vez por semana, o grupo se reunia para fazer a discussão de clássicos da historiografia. Quando ingressei no PET, estava sendo iniciado um curso intensivo de historiografia brasileira desde seu início – com autores como Van Hagen – chegando nas leituras mais recentes, como o clássico “A Revolução Burguesa do Brasil”, de Florestan Fernandes.

Em 2019, já estava no grupo PET-História UFCG há cerca de 6 meses. Em fevereiro, o tutor da época – professor José Luciano de Queiroz Aires – reuniu os membros do programa para dar continuidade a um projeto iniciado no ano de 2018 na comunidade quilombola do Grilo, localizada nas imediações do município de Riachão do Bacamarte, que faz parte da região metropolitana de Itabaiana, no estado da Paraíba (imagem 2). A comunidade está à cerca de 36 quilômetros da cidade de Campina Grande. Até então, já havia participado de outra extensão através do grupo PET-História ainda no ano de 2018, na Escola Estadual Dom Luiz, localizada no bairro das Malvinas em Campina Grande – ao

lado do hoje petiano egresso Jhon Lennon –, que foi extremamente gratificante no que se diz respeito de estar não mais no papel de aluno, mas de professor.

CAPÍTULO 2 – AULAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO GRILO: (RE)PENSANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA CRIAR UMA EDUCAÇÃO INOVADORA

Eu queria sentir aquela boa sensação de estar num ambiente aonde poderia me soltar e contribuir para a construção de um pensamento crítico para jovens, então frente à oportunidade de voltar para a sala de aula, eu prontamente me candidatei a participar do projeto de ensino e extensão na comunidade do Grilo. O curso iria ser formado de oito aulas divididas entre quatro petianos – meus amigos, hoje petianos egressos Matheus Henrique, Alex Campelo e Mayra Dias – e tinha a função de ser um curso sobre a história do povo afrobrasileiro, desde os navios negreiros até os movimentos sociais recentes que promovem uma luta pelos direitos dos negros. Iríamos usar do módulo didático “História do povo negro no Brasil”⁹, que foi desenvolvido pelos meus colegas petianos no ano anterior.

⁹

Módulo disponível em:
<http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/index.php?option=com_content&view=article&id=440:2018-11-20-21-11-45&catid=1:noticias&Itemid=1>. Data de acesso: 03 set. 2022.

Imagem 2 – Acima, imagem panorâmica da comunidade quilombola do Grilo, fotografada no ano de 2016. Abaixo, localização geográfica da comunidade, evidenciando a distância do trajeto Campina Grande-Grilo.



Fonte: Google.

O curso seria feito na EMEF Manoel Joaquim de Araújo (imagem 3), localizada na base do quilombo do Grilo. A escola era pequena, porém era organizada, sendo dividida em quatro salas de aula, uma cozinha, um pequeno terraço, dois banheiros e uma dispensa, local onde era guardados livros, instrumentos musicais e jogos de tabuleiro. Os aparelhos eletrônicos da escola, como datashow, computador e microfone, eram guardados dentro da diretoria.

Havia uma unidade de cada aparelho eletrônico. Então, caso um professor pedisse permissão para usar, nenhuma outra turma possuiria tal privilégio. Boa parte dos alunos eram jovens quilombolas ou que moravam nas cidades e sítios circunvizinhos ao quilombo. Uma coisa que é válida destacar é sobre o grau de parentesco entre os jovens quilombolas: a maioria era formada por irmãos e primos. Esse ponto é crucial para se entender o histórico da comunidade.

Imagem 3 – Frente da EMEF Manoel Joaquim de Araújo.



Fonte: Facebook do estabelecimento de ensino.

A comunidade tem sua origem nos anos de 1960, a partir da família Tenório, constituída por dona Maria das Dores Tenório (dona Dôra) e senhor Manoel Cândido Tenório (Manoel Duda). Essa família se tornou grande em membros e serviam ao dono de terras Américo Sobrinho, na Fazenda de Serra Rajada. Após quatorze anos, na década de 1970, a família Tenório comprou uma porção de terras de outro senhor, o Honório Alves. O local era acidentado, cheio de lajedos e serrotes, o que dificultava a subsistência e a agricultura. Isso obrigou a família Tenório a continuar trabalhando para os senhores de terra da região. A família Tenório se relacionou entre si, criando outras famílias nas terras do Grilo. Atualmente, boa parte das famílias que habitam o Quilombo do Grilo possui “Tenório” em seu nome. Atualmente, a maioria étnica da comunidade quilombola do Grilo é constituída por negros e mestiços.

O destaque que podemos apontar é que, depois de muita luta e diálogos com a CECNEQ, no ano de 2006 foi redigido um documento pelos moradores de auto-identificação como uma comunidade quilombola, direcionado para a Fundação Palmares. Contudo, somente em 2016 através dos órgãos INCRA e da AACADE entregaram para as lideranças e para toda a comunidade a titulação das terras. A antiga fazenda de Américo Sobrinho hoje é desabitada e é um atestado de vitória das 71 famílias sobre a exploração do trabalho negro.

Voltando ao curso, o desafio aceito por nosso time seria o de criar aulas para todos os alunos do turno da tarde da escola, que era formado por alunos do 6º até o 9º ano, durante o turno da tarde. A escola contava com uma média de 15 alunos por turma, com a faixa etária entre 8 aos 15 anos de idade. A prática iria ter bases freirianas, que defende uma pedagogia holística ou engajada, desmontando e desconstruindo o sistema hierárquico da pedagogia, tão fascinado pelo poder e autoridade. Esse tipo de ensino não tem respeito pelos saberes do outro, não tem compromisso em ensinar, mas em tentar transmitir conhecimento através do papel do preceptor.

As aulas tiveram seu início no dia 27 de março de 2019. Para abrir o curso, o tutor Luciano Queiroz achou necessário trazer o samba-enredo da escola carioca Estação Primeira de Mangueira “História pra ninar gente grande”¹⁰, que foi vencedor daquele ano. O samba-enredo trouxe consigo uma letra potente, que narra a história de luta e resistência do povo negro no Brasil. Dentre elas, rememora de forma respeitosa os nomes das lideranças que as classes dominantes tentaram a todo custo silenciar sua existência, em vão. A letra foi distribuída entre todos os alunos e foi exibido um clipe com os melhores momentos do desfile através do datashow. A recepção do samba-enredo foi mista. Entre os alunos mais novos (do 6º e 7º anos) se notou inquietude e jocosidade entre os alunos, frente às personalidades que eram colocadas na tela. Entre os alunos mais velhos (8º e 9º anos), percebi silêncio e atenção.

Resolvemos levar algumas imagens dessas lideranças, para criar entre eles uma curiosidade inicial sobre o tema. Dentre eles posso destacar Zumbi, Dandara, Marielle, Luis Gama, Cartola, Luisa Mahin, etc. Queríamos trazer para

¹⁰ Ver o samba-enredo no anexo 1.

eles uma identificação inicial com aqueles personagens e discutir com eles como as Histórias daquelas pessoas intercalavam com o presente deles. Ao mostrar as imagens, ficaríamos responsáveis por questionar os alunos sobre quem seriam aquelas personalidades. O que me surpreendeu, e que vale a pena destacar, é que desde o 6º ano os alunos já conheciam algumas lideranças, como o Zumbi dos Palmares. Eles não sabiam apenas os seus nomes, mas tinham algum conhecimento prévio sobre elas. Isso nos revela que mesmo que brevemente, eles já tinham uma identificação inicial com eles. Muito disso eu devo ao excelente trabalho feito pelo professor língua portuguesa Pádua Gomes e à professora de história Marlice Morais, que incentivaram os alunos a estudarem a sua própria cultura. Creio eu que a História seja isso: ela deve servir como um contexto material para se entender o presente em que vivemos.

Mesmo as aulas tendo bases no que foi deixado pelo professor Freire, confesso que eu havia subestimado aqueles jovens. Muito disso eu devo ao sistema de educação básica pelo qual eu passei, que ignorou completamente a história do povo negro no Brasil, mas devo também a minha própria ignorância sobre a comunidade. Estava tão afoito em ser um professor, que esqueci que uma das partes mais importantes da dinâmica da educação freireana é de ensinar e se deixar ser ensinado.

Após ser feita a discussão, pedimos para que os alunos escrevessem com suas próprias palavras o que representavam cada uma dessas personalidades. As imagens foram coladas na parede de entrada da escola ao lado dos devidos textos escritos pelos alunos. Me recordo que uma das alunas ficou emocionada ao ver a imagem de Dandara e Mahim, ela não imaginava que uma princesa podia ter cabelos cacheados e pele negra, assim como ela. Isso ficou marcado na minha cabeça e penso nessa situação até hoje com muita admiração.

Imagem 4 – Discussão sobre a figura de Luísa Mahim na aula inaugural do curso na EMEF Manoel Joaquim de Araújo.



Fonte: arquivo pessoal.

Imagem 5 – Mural das personalidades afrobrasileiras de todos os tempos.



Fonte: arquivo pessoal.

Eu ficaria responsável em iniciar as aulas, trazendo um panorama geral dos mais de 300 anos de exploração da mão de obra escravizada africana deixando uma ponte para o próximo tema que seria abordado pelos meus colegas: o treze de maio, racismo estrutural... Até chegar finalmente na aula que tratarei aqui.

Os negros nas histórias em quadrinhos, uma aula sobre representatividade

Minha aula aconteceria antes da aula das religiões afrobrasileiras, ministrada por Alex Campelo. Ocorreu no dia 6 de maio. A minha missão na criação da aula seria a de firmar uma ponte entre a cultura *pop* e representatividade negra nas mídias de massa, deixando um gancho para a próxima aula que estaria por vir. Até nesse momento já havíamos trabalhado com música, poesia, vídeo e literatura. Achei que nessa aula seria necessária trazer para o curso algo que fosse mais próximo dos jovens: usei animações e histórias em quadrinhos. Ora, quem nunca viu o Mickey ou assistiu o quadro infantil do SBT? As animações e histórias em quadrinhos atualmente encontram mais evidência do que nunca com os famosos filmes de heróis.

Nas últimas décadas, pedagogos e as demais áreas da interdisciplinaridade tem se debruçado sobre os quadrinhos e encontrado neles não só uma rica produção artística, mas um elemento produtivo para a educação, ajudando na alfabetização dos jovens. No Brasil, os gibis já são uma ferramenta pedagógica reconhecida pela LDB e pelo PCN. As HQs são, para muitos, uma porta de entrada para a leitura, tornando dessa mídia impressa uma prática cotidiana. Outra razão que justifique o reconhecimento está na quantidade de informações contidas nas histórias em quadrinhos. Ora, obras clássicas dos quadrinhos como “300”¹¹, de Frank Miller, exploram acontecimentos reais, mesmo que com elementos estéticos e fantasiosos, enaltecendo aqui o fator artístico dos HQs.

¹¹ “300” de Frank Miller narra a história da batalha das Termópilas, uma das batalhas mais vitais das Guerras Médicas, ocorridas por volta do século V a.C. Frank Miller usou como fonte para a narrativa os próprios livros de “História”, de Heródoto, no qual é a fonte mais antiga que se tem notícia sobre o conflito.

Partindo de um ponto contextual, as *comic books* (histórias em quadrinhos) tem suas origens no século XIX após a popularização das tirinhas de jornal, que fizeram com que elas possuíssem sua própria impressão, independente dos jornais. A mudança de mídia fez com que a público-alvo mudasse de “consumidores esclarecidos”, formada por adultos, para consumidores infanto-juvenis. (MARNY, 1970, p. 243-254). Durante toda a história dos quadrinhos se evidencia que elas acompanharam todo o processo de síntese da cultura desde seus primórdios. Artistas e roteiristas conseguiam usar os quadrinhos para discutir os mais diferentes temas... Ou simplesmente usar tal ferramenta para campanha publicitária. O primeiro grande *boom* dos quadrinhos de superheróis – O Superman, em 1939 – é um brilhante exemplo para essa discussão na luz da semiótica. As cores de sua roupa trazem consigo um espírito patriótico. O Capitão América, da Marvel Comics, escancara ainda mais o patriotismo. Seu primeiro volume, de 1941, tem como icônica capa uma figura do herói desferindo um soco no que então era o maior inimigo da terra: Hitler (imagem 6) . Sua roupa também tem as cores que representam a bandeira dos Estados Unidos. Cada cor possui uma propriedade única que representam a mentalidade do estadunidense: o azul representa a justiça, o vermelho representa os valores e o branco, finalmente, representaria a pureza. As asas em seu elmo podem se remeter às asas da águia, animal símbolo do país. Esses conceitos fazem os personagens em quadrinhos viajar para a nossa realidade em um combate do bem (os democráticos) contra o mal, que por sua vez seriam os fascistas. (MARNY, 1970, p. 151).

Imagem 6 – Capitão América #1, de 1941.



Fonte: imagem do Google.

Após trazer friamente esses pontos, pudemos finalmente constatar que os quadrinhos, assim como revistas, jornais, cinema e outros produtos midiáticos, podem ser usados como uma rica fonte histórica para compreender os diversos processos que se deram no passado para usar como contexto para o nosso presente. Para Cirne (1977), as histórias em quadrinhos criaram

(...) uma nova base metodológica de pesquisas culturais e conseguiu estruturar a sua evolução crítica, problematizando-os a partir do relacionamento entre a reprodutividade técnica e o consumo em massa, que criariam novas posições estético-informacionais para a obra de arte. (CIRNE, 1977, p. 12)

Trazendo para a discussão Túlio Vilela, ele enaltece que, como toda fonte histórica, devemos ter cuidado ao analisar as HQs criticamente. Sempre que possível, deve-se ter atenção sobre os autores da história em quadrinhos, o

período histórico em que a história foi produzida, que ideologia o autor expressou a sua aula, logo pensando no seu lugar social, a quem se destina essa obra, e com que fim essa obra foi feita. Após feita essa crítica da fonte, poderíamos pensar em fazer uma aula sobre essa obra.

A partir desse pensamento, como eu poderia usar os quadrinhos para discutir sobre representatividade negra? A partir desse momento, precisei fazer uma digressão para poder trazer a tona o raciocínio que eu elaborei para a criação da aula.

Precisei assim voltar para a década de 1940 para ver os quadrinhos daquele tempo para buscar exemplos. Isso me fez chegar nos quadrinhos do Pato Donald. As revistas do Pato Donald foram as primeiras com que eu tive contato, através da escola aonde a minha mãe lecionava. Por ser o “filho da professora” eu tinha o privilégio de poder levar os livros que eu quisesse ler para minha casa. Lá, eu percebi a presença de revistas do pato rabugento, rival do ratinho mascote da Disney, Mickey. Já o conhecia pelos desenhos animados que eram exibidos pela Rede Globo. Me lembro de pegar várias revistas das prateleiras da biblioteca da escola Madre Auxiliadora. Uma revista me chamou bastante a atenção. A minha favorita foi a edição “Especial de Aniversário do Pato Donald”, que foi lançada em setembro de 1984, que era uma coletânea de histórias clássicas do personagem. Nela, trazia consigo uma história que na minha infância era inofensiva, quiçá engraçada. Era a edição de Donald “Voodoo Hoodoo” (Donald na África como ficou chamada essa edição em terras nacionais), de 1949, na qual acompanhamos uma história de um zumbi que perseguia nosso herói. Descobre-se durante a trama que aquele zumbi havia sido controlado por um chefe de tribo, que resolveu se vingar do Tio Patinhas devido a desavenças no passado com o velho pato. Pelo que nos é apresentado, o tio do Pato Donald foi responsável por ter destruído a vila do antagonista. Donald e seus sobrinhos acabaram sendo atingidos pela fúria do chefe da tribo, que tinha por objetivo destruir o tio Patinhas.

A primeira visão da obra é que as ações do Tio Patinhas foram cruéis, egoístas e imprudentes, tendo em vista que ele fez isso por mero capricho. Porém, o que chama a atenção da história de Carl Barks é a caracterização dos personagens africanos da história. Os personagens negros que são

apresentados nesse gibi possuíam características ricas em esteriótipos do movimento “*blackface*”¹², assemelhando o personagem a um selvagem: uma pele preta da cor de carvão, lábios vermelhos e carnudos, atitudes animais. Os personagens de tribo são retratados como ladrões traiçoeiros e um alívio cômico para o desenrolar da história. A imagem 7 ilustra o desfecho da história, aonde o selvagem, agora com dinheiro em mãos, abandona sua vida de aldeão para gastar num shopping da Cidade do Cabo, capital da África do Sul. As circunstâncias fizeram com que movimentos negros condenassem essa revista, o que fez com que houvesse uma reedição desse gibi, aonde houve a alteração dos personagens para remover os esteriótipos visuais mais apelativos. A revista que eu tive acesso já havia tido essa mudança. Foi durante minhas pesquisas que eu percebi o quão normativo aquilo era para mim quando pequeno. Será que era porque eu era inocente e ignorante demais ou será que era porque inconscientemente eu achava isso normal?

¹² O “Blackface” foi um movimento artístico que aconteceu nos Estados Unidos em meados do século XIX. A ideia desse movimento, no contexto de escravidão e racismo estrutural estadunidense, era de ridicularizar, condenar e estereotipar negativamente os negros para o entretenimento dos brancos. Atores e atrizes brancos eram pintados de preto, da cor do carvão, deixando uma parte branca de sua pele ao redor da boca sem pintar, representando os lábios carnudos de um homem afroamericano. Até meados do século XX, negros eram proibidos de atuar em peças teatrais, até a década de 1950, com a ação de Rosa Parks (1955) aonde surgiram os movimentos que buscavam a igualdade entre as etnias. Nos Estados Unidos, o direito do negro ao voto só aconteceu em 1965. Esse movimento ainda hoje é visto, mas com menos frequência. Diferente de outros tempos, a prática de “blackface” é condenada por grande parte da população.

Imagem 7 – Tira do gibi Donald Duck, “Voodoo Hoodoo” (“Donald na África”, no Brasil), de 1949.



Fonte: imagem do Google.

Para Roberval Santiago (2012): “no mundo contemporâneo as imagens são portadoras de valores, de movimentos e gestos” (SANTIAGO, 2012, p. 68-9). Dessa forma, Santiago analisa como algo tão “inocente” pode possuir sim uma propagação ideológica de sua época, trazendo consigo os valores e visão de mundo da sociedade que ela está incluída, por mais inaceitáveis que sejam nos nossos dias. Deve-se constatar que aquela era a mentalidade da época. Os negros nos Estados Unidos estavam libertos a menos de cem anos, mas sua cultura e seus corpos permaneciam envolvidos de bastante preconceito. Negros e indígenas não tinham muito espaço social, e existia uma forte segregação entre negros e brancos. Os quadrinhos nada mais fizeram além de contextualizar e tornar essa mentalidade acessível para analisarmos nos dias de hoje.

Um dos motivos que fez “Voodoo Hoodoo” passar pela reedição foi as ações do movimento negro americano, que já possuía fagulhas já na década de 1940. O que nos faz chegar no pioneirismo negro dos quadrinhos: o “All-Negro Comics”¹³, de 1947, editado por Orrin Cromwell Evans (imagem 8). Jornalista negro que pautou sobre a exclusão dos negros na Segunda Guerra Mundial, queria usar do quadrinho não para formentar esteriótipos ou alívios cômicos

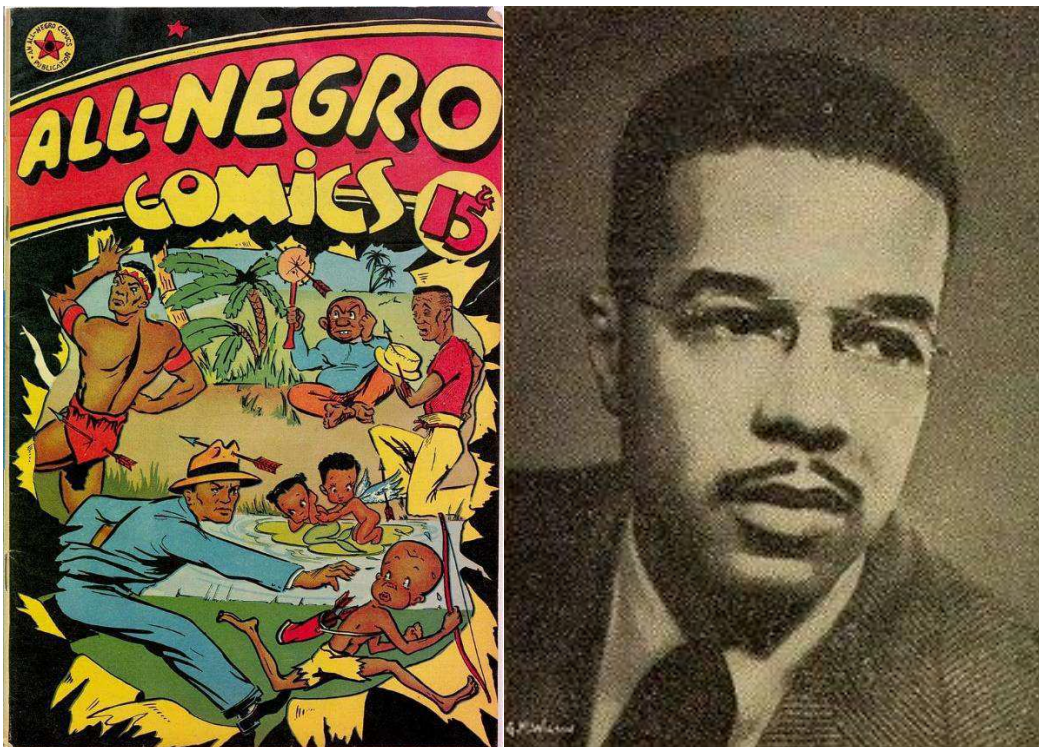
¹³ Disponível em < <https://readcomiconline.li/Comic/All-Negro-Comics/Full?id=156565&readType=1>>. Data de Acesso: 19 ago. 2022.

negros, mas para dar protagonismo para os seus. Negro não possui um esteriótipo; negro não é motivo de piada, como se via na década através de movimentos como *blackfaces* na arte, criado pelas classes dominantes e racistas. Ele misturou sua paixão pelas *comics* com sua luta por igualdade étnica criando uma revista feita para negros e negras. A revista era eclética em questão de gênero e ia do *noir*¹⁴ para a aventura. Não haviam esteriótipos aqui. O que havia era uma força de resistência e protagonismo para os jovens negros americanos. A revista não durou mais do que uma edição, mas serviu como um eco para mudanças que haviam por vir. Representatividade é, seguindo esses preceitos, o ato de se empoderar, é uma forma de resistência e um símbolo de pertencimento. Representatividade é uma ação política. O psicólogo Rodrigo Casemiro (2019), em uma entrevista dada ao portal “Canaltech”¹⁵, destaca a importância psicológica no sentimento de autoidentificação e pertencimento: aumenta o autoestima, cria uma influência positiva sobre a juventude, seja o personagem ficcional ou real.

¹⁴ “Noir” ou “Noire” foi um subgênero cinematográfico francês que surgiu no fim dos anos 1930, teve seu ápice nos anos 1940, nos Estados Unidos, criando uma tendência. Geralmente eram filmes em preto e branco (Noir deriva do francês “negro”) que traziam aos filmes policiais uma camada de mistério e suspense para criar uma atmosfera imersiva que fugia de um romance policial comum. Esse subgênero fugiu para outras narrativas criativas além do cinema; dentre elas podemos citar o livro “Outlander” de Stephen King, o graphic novel (romances gráfico) “Sin City”, de Frank Miller e as histórias em quadrinhos mais recentes do herói Batman, da DC.

¹⁵ Entrevista disponível em: <<https://canaltech.com.br/quadrinhos/diversidade-e-representatividade-no-universo-dos-quadrinhos-148207/>>. Data de acesso: 19 ago. 2022.

Imagem 8 – À esquerda: “All-Negro Comics #1”, publicada em junho de 1947. À direita Orrin Cronwell Evans, jornalista e idealizador da *comic*.



Fonte: imagens do Google.

Sobretudo na década de 1960 com a luta pelos direitos civis dos afroamericanos, vê-se uma mudança no paradigma dos quadrinhos. Vemos negros conseguindo papéis de protagonista para os quadrinhos de massa. Novamente, vemos o meio influenciando diretamente os quadrinhos. Em meio aos movimentos negros e das demais minorias, a Marvel se atentou a se encaixar na luta, trazendo para os jovens personagens e grupos passíveis das mais diferentes discussões, como por exemplo os X-Men, em 1963, que traziam consigo uma discussão acerca de diferenças, discriminação, de que mesmo que diferentes, nós somos todos humanos. Finalmente, em 1966 surge o personagem Pantera Negra, nas páginas do HQ “Fantastic Four #52”¹⁶, escrita por Stan Lee e desenhada pelo artista Jack Kirby. T’challa é um poderoso rei africano do país fictício chamado Wakanda. Seu reino nunca chegou aos olhos dos colonizadores brancos e, aliado com o minério extraterreno adamantium,

¹⁶ Disponível em < [https://hqdragon.com/leitor/Quarteto_Fantastico_\(1961\)/52](https://hqdragon.com/leitor/Quarteto_Fantastico_(1961)/52)>. Data de acesso: 03 set. 2022.

conseguiram construir a civilização mais avançada da terra. Essa é uma crítica poderosa ao sistema escravagista que imperou na América por mais de trezentos anos. Agora, o jovem afroamericano teria como identificação um rei destemido e poderoso. O marco aqui é a presença do personagem T'challa numa revista em quadrinhos que era na época uma sensação entre os jovens, que fez com que ele ganhasse sua própria revista anos depois. Pantera Negra também foi responsável por inspirar vários novos super heróis nas décadas seguintes, como o Falcão ou o Lanterna Verde John Stewart da DC Comics, revista rival da Marvel.

Não podemos nos esquecer de que existe nas HQs um interesse mercadológico da indústria conservadora na lógica da cultura de massa. A questão da representação negra, como vimos anteriormente, teve suas origens de forma independente, sendo futuramente incorporado pelas empresas maiores, que controlam o mercado de quadrinhos. Waldomiro Vergueiro, em uma entrevista dada ao Portal de Cidadania do Instituto Claro¹⁷, corrobora com esse argumento:

“Grandes editoras não são boazinhas. Elas não estão preocupadas em respeitar as diversidades. Elas estão preocupadas em lucrar”, defende. (...) “No início, você vai ter, inclusive, a grande indústria acompanhando a sociedade naquela postura de ostracismo desses personagens, de hostilização”. (VERGUEIRO, 2022)

Em outras palavras: se o mundo contemporâneo atende um interesse progressista de pôr as diversidades em evidência, a indústria cultural na época da reprodutibilidade técnica, irá se adaptar para tal, mesmo que ela não concorde com isso. Sabendo disso, o pedagogo deve usar as histórias em quadrinhos com cuidado, pois ela não é uma verdade histórica. Reverter o caráter mercadológico e trazer a tona os conceitos de representatividade é importante quando se

¹⁷ Entrevista disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/podcasts/representatividade-em-hqs-contribui-para-respeito-a-diversidade/>>. Data de acesso: 20 ago. 2022.

consome uma mídia. De uma forma crua, representação nas HQs pode ser usada como uma forma de empoderamento de classe, seja etnicamente, economicamente ou até de sexualidade. Nesse momento, o papel da arte atinge seu pico subjetivo, no qual cada leitor conseguirá absorver uma experiência diferente. É importante ver diversidade nos quadrinhos, pois o jovem perceberá que a sociedade não é homogênea. Através da arte, conseguiremos incorporar as pessoas em todos os meios. Felizmente, o nosso momento tem sido de melhora quando comparamos com esse histórico dos últimos noventa anos. Voltando para Rodrigo Casimiro, em sua análise psicológica da representatividade e sua importância, ele conclui que:

“Quando há a representatividade é como se uma validação ocorresse, um reconhecimento da existência dessa criança. Ela entende que podemos ser de inúmeras maneiras. A criança sente que existem outras pessoas iguais a ela, ocorre o mecanismo psicológico da identificação. Em obras ficcionais, há, normalmente, um personagem que é tido como herói, e ele tem desafios a serem realizados, e esta é uma fonte de inspiração para a criança resolver os próprios desafios”. (CASIMIRO, 2019)

E voltamos finalmente para o ano de 2019. No ano da aula foi publicado pelo artista brasileiro Hugo Canuto a revista “Contos dos Orixás”. A ideia do artista foi trazer para os jovens a religião lorubá na estética e narrativa de uma história em quadrinhos. Os próprios brasileiros veem as religiões de matriz afrobrasileira com desdém e as discriminam, muito estimulados por uma mentalidade já superada de uniformidade de religião e cultura, demonizando todo o resto que não possua uma estética eurocêntrica. A genialidade de Hugo está evidente desde a escolha da estética e narrativa, pois histórias de super-heróis estão em alta graças ao sucesso cinematográfico de Hollywood, que movimenta bilhões de dólares no mundo. Ao ler a história de Xangô, conseguiria criar uma associação direta com Thor, o deus do trovão dos nórdicos, atizando a curiosidade dos jovens que estivessem em contato com esse exemplar.

Imagem 9 – à esquerda: Ilustração “The Orixas”, por Hugo Canuto; a direita: revista “The Avengers #4”, de 1963, publicado pela Marvel Comics.¹⁸



Fonte: Google.

Após o fim desse enorme parêntese, podemos voltar finalmente para a aula. Nesse ponto, não posso negar a minha paixão pelas histórias em quadrinhos, que construíram bastante da minha identidade durante a vida. Gostaria de usar os quadrinhos como uma forma de material didático para que houvesse nos alunos um interesse real pela aula. A pesquisa para a criação da aula foi uma visita em minhas memórias. Pesquisar as obras que marcaram a minha infância, agora sob o olhar historiográfico fez com que eu criasse uma nova ótica sobre as histórias em quadrinhos. Dessa vez, eu as enxergava como uma fonte histórica – onde poderia criticar e perceber suas subjetividades –, além de uma criativa ferramenta pedagógica para explicar um contexto e aproximar o aluno da temática da aula. Imaginei que se eu voltasse a ser um estudante do

¹⁸ É interessante destacar como no quadrinho da Marvel Comics se vê a presença exclusiva de personagens brancos. Isso pode nos ajudar a contextualizar o período em que tais obras foram publicadas e notar como as vitórias do movimento negro e das demais minorias foram pungentes no nosso presente.

ensino fundamental, essa provavelmente seria a aula de história que eu gostaria de assistir.

A História, com relação às outras ciências, ainda segue passos lentos quando se pensa em práticas pedagógicas usando HQs, se limitando muitas vezes à tirinhas de jornal. Manuela Aguiar tenta compreender essa questão, suscitando o conceito “paraliteratura” para os HQs, não como uma forma de criar uma inferioridade hierárquica para a mídia, comparadas a literatura dita culta, mas provendo a elas características próprias – elementos verbais (narrativa) e visual (quadros e balões). Dizer que HQ é uma paraliteratura é dizer que quadrinho atende e é acessível a cultura da massa (MEDEIROS, 2008, p. 42).

Por mais que devamos usar essa mídia, Vilela (2006) defende os quadrinhos como um recurso pedagógico em potencial, não um objeto para atrair a atenção dos jovens (VILELA, 2006, p. 106). Assim como as demais mídias, podemos usar os quadrinhos como um suporte para contextualizar um tempo histórico, um contexto ou quem sabe conceitos, pois como todo produto cultural do seu tempo, os quadrinhos podem ser usados de forma crítica, sem esquecer que na condição de ser um produto de massa e uma arte, é um trabalho ficcional e com um estilo de narrativa que pode conter impressões ou anacronismos. Vide os quadrinhos de “Asterix & Obelix” ou o próprio “300”, no qual comentei antes.

A minha aula foi feita discutindo com os alunos as diferentes mudanças nas representações de personagens negros nas histórias em quadrinhos e animações. Por ser um trabalho completamente visual, necessitei levar imagens para ser exibidas no datashow, para facilitar a discussão. Nesse caso, meus principais objetivos da aula seriam a de ampliar o conhecimento do aluno, entendendo que quadrinhos podem ser usados como um material didático funcional e uma fonte histórica potencial que poderiam ser usados como um instrumento de luta nas esferas políticas e sociais contra o racismo. Com exceção do 6º ano, que já é conhecido por seu espírito brincador, todas as outras turmas prestaram atenção na aula. Destaco o 9º ano, aonde contei com a participação dos alunos Jailson Tenório e Marcos Antônio Tenório que para mim foram os destaques da escola. Durante todas as aulas do curso, notei a

participação constante dele. Suas oratória eram muito boas e participavam de todas as discussões.

Imagem 10 – aula ministrada sobre representatividade afro nos quadrinhos na escola Manoel Joaquim de Araújo para o oitavo ano.



Fonte: arquivo pessoal.

Outra função que encontrei nessa aula foi a de problematizar uma noção de que heróis na vida real existem. Quando nos aprofundamos no passado do nosso país, estudamos ícones que caíram no culto da personalidade. Homens “notáveis” como Marechal Deodoro da Fonseca são chamados de “heróis nacionais”, que tem estátuas no Brasil inteiro com honras. Esses são elementos de uma história positivista do século XIX que foi escrita por aqueles que cometeram atrocidades. Existiu uma necessidade de criar ícones para serem reverenciados. Quando a personalidade era negra, existia a necessidade de “esbranquiçar”, para que se adequasse à cor do brasileiro. Esse fenômeno foi visto em Machado de Assis. Racistas assumidos como a figura controversa de Monteiro Lobato se tornaram clássicos da literatura a partir de uma agenda de dominação hegemônica. Mesmo com as mais novas linhas teóricas existentes, o pensamento positivista ultrapassou os séculos a partir das

(des)continuidades do nosso tempo. Essa questão foi posta para os alunos a partir da seguinte pergunta: “Na sua opinião, no mundo real existem heróis?”. Me lembro que as perguntas divergiram entre “sim” e, em sua maioria, “não”. Após ser respondido, eu encerrei a aula com o seguinte dizer:

“Heróis não existem. Porém, existem pessoas com atitudes louváveis. Pessoas, que lutam e lutaram todos os dias de sua vida contra a opressão e a violência sofridas pelos dominantes sem perder o brilho no olhar e a vontade de fazer do seu meio um lugar melhor. “

Mais importante que compreender como foi criada a questão da representatividade nas histórias em quadrinhos era a de perceber que para chegar aonde eles estão hoje existe uma constante luta para que seu sonho de igualdade possa se tornar realidade. Usei como exemplo a figura das lideranças locais do quilombo do Grilo, os irmãos dona Paquinha e senhor Elias, e a luta deles para conseguir a justa demarcação de terras do quilombo que ocorreu no ano de 2016, são essas lideranças que devem ser vistas com respeito e como exemplo para os jovens da próxima geração de quilombolas. Paquinha e Elias são tios e avós de muitas das crianças da comunidade. Foi uma jogada acertiva ter acrescentado eles na aula, pois fez com que mesmo os alunos que não estavam participando pudessem entrar na discussão, que se manteve por alguns minutos.

Como forma avaliativa, foi distribuída na sala cartolinas, onde eu pedi para que os alunos se desenhasssem ou desenhassem alguém que admirassem, se reconhecendo como personagens de histórias em quadrinhos, com uma breve descrição dos seus poderes e em que seus poderes poderiam ajudar a melhorar a sua comunidade. A arte feita por eles seria colada na sala de aula. Eu pensei nessa dinâmica como uma forma estimular a criatividade, além de trabalhar a representatividade, afinal cada um faz parte de um meio social. Queria que acima de tudo eles entendessem que – a exemplo dos quilombolas dona Paquinha e senhor Elias – as lideranças atuais irão ficar na história pelos seus feitos, mas novas lideranças e articulações precisariam ser criadas para que haja um futuro

para a comunidade em que viviam. Alguns alunos se desenharam como os heróis da comunidade, com poderes bastante criativos, como o poder de criar frutas e verduras com as mãos, Porém, teve um aluno do 6º que me chamou a atenção, pois quando eu reparei bem, eu percebi duas figuras desenhadas no papel por ele. Como uma forma de me aproximar dele, eu questionei a ele o que significava o seu desenho. Ele me explicou que aqueles eram seu pai e ele. Ele reconhecia seu pai como seu herói. Um exemplo de inspiração. Seu pai trabalhava o dia todo debaixo do Sol e trazia comida para sua casa e ajudava a sua avó. A simplicidade e beleza naquilo fez com que eu ficasse admirado e elogiei ele. Foi naquele momento que percebi que o trabalho estava dando bons frutos e tinha uma função social material. Eu sinceramente gostaria de ficar ali eternamente. Mas infelizmente o curso estava próximo ao seu final.

Imagem 11 – Atividade avaliativa feita com as alunas do 8º ano.



Fonte: arquivo pessoal.

No dia 16 de maio de 2019 foi sediado o evento “Quilombolas na universidade: apresentações culturais de alunos da comunidade do Grilo”,

organizado pelo PET-História/UFCG que trouxe os jovens quilombolas para a conhecer a IES, além de fazer apresentações musicais e artísticas na praça do Bloco BC da universidade. O objetivo seria o de desconstruir as barreiras impostas do Ensino Superior, visto como elitista e inacessível. Queríamos mostrar que ali também é o ambiente deles. Ao fim da culminância, foi um dos alunos – que hoje me falha a memória o seu nome – pediu próximo a mim falando “quero tirar uma foto do lado do professor”. Isso me emocionou e me deixou feliz, percebendo que havia conseguido o respeito dos alunos.

Devido à pandemia do SARS-Cov2 que alastrou no mundo em 2020, os trabalhos do PET-História/UFCG foram paralisados, contudo, professor Luciano Queiroz manteve o contato com a comunidade. Todos os petianos contribuíram financeiramente com a comunidade, que durante o período de pandemia estava passando por problemas. Finalmente, chegando o início das normalidades pós-pandemia pude reencontrar os meus antigos alunos. Alguns estão mais altos do que eu, inclusive! Praticamente todas as turmas com as quais eu trabalhei durante o curso hoje estão em novas escolas nas cidades circunvizinhas, que tem acesso ao Ensino Médio. Os alunos do nono ano estão atualmente finalizando o Ensino Médio e se mostraram gratos pelos nossos trabalhos.

Durante uma das idas ao quilombo do Grilo, em 2022, ao ver o jovem que outrora pediu para tirar uma foto ao meu lado como praticamente um homem feito e vindo conversar comigo me deixou satisfeito quanto a minha prática em sala de aula ao lado dos meus colegas do PET-História. Desta vez, fui eu quem pedi para tirar uma foto do seu lado.

Imagem 12 – à direita, imagem da culminância do evento “Quilombolas na universidade: apresentações culturais de alunos da comunidade do Grilo”. À direita, minha foto ao lado de um aluno, passados três anos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do trabalho, creio que o historiador e o pedagogo do século XXI tem como missão principal romper com esses preceitos positivistas e substituir por uma pedagogia que pense no meio do discente antes de criar seu processo pedagógico. Toda a minha trajetória desde estudante do ensino fundamental, médio e graduando me fez chegar até essa conclusão. Paulo Freire se fez cada vez mais atual. Essas aulas tinham como principal função a luta contra qualquer tipo de discriminação. Para ser um professor, deve-se abandonar as velas da discriminação: deve ser antifascista, antirracista, antihomofóbico, tolerante com as religiões, etc.

Também creio que atingi a minha premissa de trabalhar com as novas fontes historiográficas como uma forma de aproximar o aluno da aula, usando de elementos do seu meio para entender determinados processos históricos. Waldomiro Vergueiro defende a “alfabetização” na linguagem específica das HQs como algo indispensável, para que os alunos entendam as diversas camadas e mensagens contidas naquelas obras e para que haja ali melhores resultados do professor em sala de aula, aproveitando-se da riqueza visual e verbal que tal mídia impressa possui. (VERGUEIRO, 2006, p 31).

Sinto que apesar de o trabalho ter sido cansativo, tendo em vista as viagens que precisava fazer semanalmente para a comunidade do Grilo após uma manhã de aulas, foi um trabalho que me fez crescer enquanto um docente em (des)construção. Após o fim do curso, em 2019, mantive a amizade com alguns dos estudantes da escola com quem eu tive maior intimidade. Sempre que volto para lá gosto de ver e conversar com os meus alunos Jailson e Marcos Tenório. Gosto de perceber o crescimento deles. Marcos atualmente segue o caminho da fé, no qual realiza as missas na comunidade. Jailson vê na sua condição a oportunidade de ingressar no ensino superior gratuito e inclusivo. Ele me contou que deseja seguir a carreira de Letras ou História na universidade no qual faço parte.

Com o período de pandemia, os trabalhos presenciais do grupo PET-História/UFCG foram interrompidos, contudo a ligação do PET se mantém ainda em 2022 e contou recentemente com a elaboração de um livro didático – no qual sou um dos autores – chamado “Comunidade Quilombola do Grilo”. Esse livro

contou com a participação de membros do PET, mas também com a participação de moradores da comunidade, no qual eu posso destacar aqui Roseane Tenório. Hoje, ela é pedagoga e está na linha de frente de um projeto iniciado pelo fotógrafo italiano Alberto Banal, o Escrelendo, que incentiva os jovens e as jovens quilombolas a ler e a escrever.

Os trabalhos encabeçados pelo professor Luciano Queiroz tem contruído para o processo de autoidentificação dos moradores do Grilo como negros quilombolas. Deve-se considerar que o processo antecede o PET, mas que ainda está em constante desenvolvimento, para que eles mesmos possam lutar contra o racismo, e tenham no seu corpo profissionais da educação quilombolas. Quando isso acontecer, creio que o trabalho do PET-História/UFCG estará concluído.

Com relação à viabilidade do trabalho, tenho a sensação de que é uma grande introdução. É possível discutir ainda sobre as três temáticas que trouxe para minha obra: na esfera da representatividade dos quadrinhos, podendo utilizar de várias obras das últimas décadas como os Comics dos “X-Men”, da Marvel Comics, é um exemplo para discutir sobre questões étnicas; é possível discutir sobre os trabalhos do PET-História/UFCG que vão para além da comunidade Quilombola. O PET ainda nos dias atuais tem ações sociais que são de grande valia para o conhecimento acadêmico e também para pessoas fora dos muros da universidade; também sobre a comunidade quilombola do Grilo, que está ainda passando por constantes mudanças e está em um processo cotidiano de resistência e de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; GRYNSZPAN, Mario (org.). **Revista Estudos históricos: arquivos pessoais**. v. 11. no. 21, 1998. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>>. Data de acesso: 11 ago. 2022

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas - uma introdução aos seus usos historiográficos. In: **ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA & PARCERIAS DA ANPUH**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569693608_ARQUIVO_bd3da9a036a806b478945059af9aa52e.pdf>. Data de acesso: 15 ago. 2022.

CAMPELO, Alex Alves, et. al. Extensão no quilombo do Grilo-PB: por uma educação antirracista. In: AIRES, José Luciano de Queiroz (org.). **Dez anos de História (2009-2019)**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de M. L. Menezes. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Ministério da educação, Secretaria de Ensino Fundamental, 2005.

MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias em quadrinhos**. Tradução de Maria Fernanda Margarido Correia. Lisboa: Civilização, 1970.

MEDEIROS, Manuela Aguiar Araújo de. **História em quadrinho e literatura: intersemiose e tradução**. Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Literatura. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008.

SANTIAGO, Roberval S. A era dos cartoons. In: BURITI, Iranilson (org.). **Identities e sensibilidades: o cinema como espaço de leituras**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária. In: RAMA, Angela. VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 7-30.

_____. Uso das HQs no ensino. In: _____. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 31-64.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: _____. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 105-130.

ANEXOS

Anexo 1 - História pra ninar gente grande – Estação Primeira de Mangueira

Mangueira, tira a poeira dos porões

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego

Deixa eu te contar

A história que a história não conta

O avesso do mesmo lugar

Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denngo

A Mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara

E a tua cara é de cariri

Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho

Quem foi de aço nos anos de chumbo

Brasil, chegou a vez/ De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.

(Leandro Vieira, 2019)